



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE FILOSOFIA

JÉSSICA DE CARVALHO SILVA

CONFLITOS EDUCACIONAIS E SEUS MEDIADORES

Campina Grande – PB

2014

JÉSSICA DE CARVALHO SILVA

CONFLITOS EDUCACIONAIS E SEUS MEDIADORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Waltimar Batista Rodrigues Lula

Campina Grande – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586c Silva, Jéssica de Carvalho
Conflitos educacionais e seus mediadores [manuscrito] /
Jéssica de Carvalho Silva. - 2014.
18 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Prof. Dr. Waltimar Batista Rodrigues Lula,
Departamento de Filosofia".

1. Educação 2. Conflito Educacional 3. Mediador de
Conflito 4. Ensino de Filosofia I. Título.

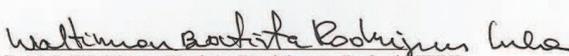
21. ed. CDD 370

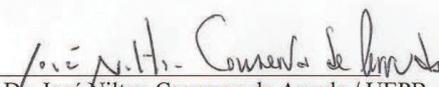
JÉSSICA DE CARVALHO SILVA

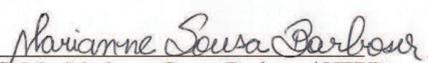
Conflitos educacionais e suas possíveis soluções através da figura do mediador de conflito

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 10/12/2014.


Prof.^a Dr.^a Waltimar Batista Rodrigues Lula / UEPB
Orientadora


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador


Prof.^a Ma. Marianne Sousa Barbosa / UEPB
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter concluído essa etapa da minha vida, aos meus pais que sempre me apoiaram, e também aos professores Júlio Cesar e Waltimar Lula, pela colaboração efetiva, e compreensão de fatores pessoais vivenciados ao longo da minha trajetória estudantil.

Aos meus pais, Egídio Mamede da Silva e

Maria Dalva de Carvalho Silva

dedico

“A *mediação* é um atributo exclusivo do *ser humano*, compreendido aqui como *ser social*, pois somente o *ser humano* pode ascender ao plano do mediato e, assim, estabelecer relações de *mediação* com a natureza e com os outros seres humanos”

Maria Eliza Brefere Arnoni

CONFLITOS EDUCACIONAIS E SEUS MEDIADORES

SILVA, Jéssica de Carvalho¹

RESUMO

O estudo do conflito educacional é uma área que abarca o ensino de filosofia, pois conflito é um elemento intrínseco das sobreposições humanas, de forma que isso no contexto educacional deve ser bem esclarecido sob figura de debates e diálogos a respeito do tema, em razão de que os conflitos injuriosos podem causar o êxodo escolar, por motivo de perseguição ao estudante. A filosofia principalmente como disciplina tem o dever de esclarecer a juventude a respeito desta temática, pois sua característica é a formação de indivíduos críticos capazes de discernirem suas próprias opiniões. O projeto mediadores de conflito se encaixa perfeitamente nessa temática, pois ele tem por objetivo pacificar as escolas onde o projeto é implantado, dado de forma que são os próprios alunos, professores e pessoas da comunidade ao redor da instituição, que deseje ser voluntário, como mediador de conflito. O mediador não interfere na decisão, mas ele mostra um caminho possível, para se chegar a um acordo que agrade ambas as partes envolvidas.

Palavras-Chave: Conflito educacional. Mediadores de conflito. Ensino de filosofia.

INTRODUÇÃO

O conflito educacional é um campo de estudo que abrange o ensino de filosofia, pois conflito é um elemento intrínseco das justaposições humanas, eles por sua vez não são maléficos em si próprios, as dificuldades são apenas encontradas quando os indivíduos não estão predispostos para negociar com os conflitos, no passo que na atualidade o ser humano encontra-se com excesso de impaciência e agressividade. Isso adjunto dentro do contexto educacional assume dimensões completamente inadequadas, de forma que os docentes e correlacionados tem o dever de intervir nas inimizades entre o alunado. De modo que os conflitos passem a ser resolvidos através do diálogo, por meio de soluções apresentadas pelos próprios envolvidos na questão insultuosa, evitando assim soluções baseadas em agressões físicas e/ou verbais.

¹ Graduanda em Licenciatura plena em Filosofia, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.
E-mail: jessica.jecarvalho@gmail.com

A disciplina de filosofia apresenta como particularidade central desenvolver pessoas socialmente críticas, com isso seres que ponderam. A partir disto o professor de filosofia, tem uma imputabilidade a mais, em alegoria a os outros colegas de profissão das outras ciências, pois ele poderá desenvolver um diálogo consistente através da dialética. E identificar desavenças presentes no habitual escolar como também o apontamento de suas possíveis soluções; fazendo assim uso da reflexão para se ter noção de responsabilidade com o outro, não se colocando o assunto apenas como caráter informativo, mas sim de ponderação com atitudes para com o outro. Essa advertência de desígnio preventivo deve ser realizada não só pelo docente mediador, mas de igual formato em aliança com os seus gestores; na ocorrência desses casos de violência no dia-a-dia da convivência colegial. Como forma para solucionar esses possíveis conflitos com a mediação.

A mediação é uma maneira de escolha para solução de conflitos em que os possíveis implicados abordam uma solução para as suas pendências. A mediação é resolvida, deste modo como um procedimento não concorrente e confidencial, no qual uma pessoa externa a questão e neutra promove o acordo entre os membros envolvidos, donde uma combinação mutuamente cabível inspirará em um desenlace plausível. Nesse método de mediação bem sucedida, se encontra *O Projeto Escola de Mediadores*, com seu desígnio principal de estabelecer no cotidiano escolar, palco de distintos modos de conflitos, um caminho de conversa; em que seja resguardado a essencialidade dos jovens, já que para eles, circunstância de conflito é totalmente corriqueira devido seus estágios de experiências.

Na coletividade em que vivemos algo só contrai importância, quando o mesmo proporciona alguma finalidade prática visível e imediata. De modo esta que o senso comum não visualiza o fenômeno do qual os conhecimentos verdadeiros são alcançados, ou seja, por processos rigorosos do pensamento, estes atuando a respeito dos acontecimentos reais através de instrumentos técnicos dos conhecimentos. A junção de problemas caracteristicamente filosóficos com questões emergentes da experiência depende absolutamente da maneira como o professor pensa a circunstância cultural, em especial de sua desenvoltura para captar o

¹ Projeto desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro, da organização Viva Rio.

imaginário dos alunos. Filosofar consiste em expulsar o atraso e decifrar a todo custo uma legalidade. Educar para a inteligibilidade é colaborar para a composição de uma eloquência nos discursos organizados pelos alunos. Como disciplina do currículo escolar, ela mescla

conteúdo cultural, formação e exercício intelectual a partir de materiais, métodos, como qualquer outra disciplina.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O que é conflito?

O conflito é uma “discussão injuriosa” (BUENO, 1976, p.337), é estar em oposição há algo; é também a simples ação de “desavença ou discórdia” (FERREIRA, 2000, p.174). Conflito é um acontecimento intrínseco das identidades humanas. Estes ocorrem por origem de circunstâncias divergentes em relação há certa conduta, obrigação ou importância trivial; as incompreensões, e os descontentamentos de importância ou precisão habitam provocar conflitos.

Os conflitos não são maléficos em si próprios. Ele tem capacidade de equivaler a ser empregado como conveniência para a saída das dificuldades que permanecem entre todos, mas que consiste em disfarces. As dificuldades são encontradas quando os indivíduos não estão predispostos para negociar com os conflitos, estes competem por ser convertidos em injúria e agressão. Em sua totalidade o ser humano deseja ser considerado com características de reconhecimento igualitário no direito de suas opiniões. Entretanto os indivíduos no passo da atualidade estão com excesso de impaciência e agressividade.

Isso associado dentro do contexto educacional toma proporções totalmente inadequadas, de forma que os docentes e correlacionados tem o dever de interferir nas antipatias entre o alunado. De maneira que os conflitos passem a ser resolvidos através do diálogo, por meio de soluções apresentadas pelos próprios envolvidos na questão insultuosa, evitando assim soluções baseadas em agressões físicas e ou verbais.

1.1.2 Presença do conflito na escola

As desavenças estudantis são bastante comuns antes mesmo de darem nomenclaturas, como a palavra *bullying*, de origem inglesa, que mesmo sem tradução para a língua portuguesa, dá sentido a agressões corporais e ou orais, vivenciadas na escola ou período escolar. Essa denominação, é mais uma nomenclatura para os conflitos na escola. Mas o que na atualidade se vem debatendo é como os profissionais do ensino estão lidando com esta situação. Visto como isso influência no rendimento escolar do educando que sofre

atos de agressões, tendo a capacidade de serem estas de característica físicas e/ou verbais podendo influenciar assim no êxodo educacional. Com isso requer uma maior atenção dos docentes quão intensamente a quantidade dos conflitos, como do mesmo modo a recorrência dos mesmos. Para que se possam evitar desavenças desnecessárias e inúteis impedindo assim muitas formas de violências. Deste modo contribuindo, para a inibição do *bullying*, pois numerosas desavenças escolares têm por motivos primordiais, esse fator moral de humilhações e ao mesmo tempo de intimidação.

Compreende-se então a necessidade de intervenção nas relações de antipatia dos alunos como também entre professores e alunos, desde que se identifique algo, que leve a proporções maiores de discórdia. Essas intervenções tomam forma como situação permanente de mediação, em todos os setores educativos. Pois, o ambiente escolar precisa passar longe do sinônimo de humilhação para crianças e adolescentes, por ser um dos lugares que passam bom tempo de suas vidas e por isso mesmo não pode simbolizar em suas memórias, violência e vexame. Já que as ofensas morais e ameaças é a figura central da exclusão escolar. Dados de pesquisas sobre essa temática não devem ser consideradas acertadamente na sua totalidade, em comparação com a realidade efetiva, pois grandes características das vítimas de agressores é a presença do medo e vergonha, com isso justifica-se os vitimados não denunciarem quem os ataca, e as testemunhas não delatam por receio de se tornar as próximas vítimas dos ataques ofensivos.

Diante do que foi colocado anteriormente, verifica-se que os conflitos educacionais, têm como base as divergências, principalmente entre o aluno e ainda na maioria das vezes sem motivos aparentemente justificáveis. Na tentativa de se evitar as humilhações vivenciadas por alguns alunos, os gestores e professores devem ficar atentos quanto a recorrência desses conflitos, para isso, é necessário se obter conhecimento para a precaução dessas ações graves de constrangimentos, e se por ventura venham há acontecer, que em resposta a isso haja alguma forma para conter estes atos de violência. Como modelo à aplicação de métodos de mediação nas escolas, desenvolvido pelos docentes de filosofia como mediador, torna-se de caráter pacificador para ambas as partes envolvidas em questões conflituosas, por meio do incremento do recurso da dialética em grupo explorada pelo educador.

1.2 Mediação de conflito: o que é?

“A mediação é o ato ou efeito de intervenção, unida a conciliação” (FERREIRA, 2000, p.453). É uma maneira de escolha para solução de conflitos em que os oportunos envolvidos chegam a uma solução para as suas pendências. A mediação é determinada, deste modo, como um procedimento não competidor e sigiloso, no qual uma pessoa exterior a questão e neutra promove o acordo entre os membros implicados, donde uma combinação reciprocamente cabível inspirará em um desfecho plausível.

A propagação da mediação como procedimento de solução para contestações, incidiu a partir da década de 1960, nos Estados Unidos. Este tipo de mediação no Brasil² é mais vivenciada, em projetos escolares como forma de tentativa no combate dos conflitos educacionais. Mesmo assim, não significa dizer que seja exclusiva dessa área, pois sua utilização compreende todo conjunto de convívio apto para causar conflitos; que desde empecilhos políticos, a questões éticas, trabalhistas, sexuais e etc.

Mediação, juntamente com a arbitragem e a conciliação, é uma forma alternativa de resolução de conflitos em que os próprios envolvidos chegam a uma solução para as suas demandas. O papel do mediador neste contexto é facilitar o diálogo entre eles, proporcionando condições favoráveis para chegarem a um consenso. A mediação é definida como “um processo não adversarial, confidencial e voluntário, no qual um terceiro imparcial facilita a negociação entre duas ou mais partes, onde um acordo mutuamente aceitável poderá ser um dos desenlaces possíveis (PROJETO ESCOLA DE MEDIADORES, 2002, p. 6-7)

No país, temos alguns modelos de projetos de pacificação de conflitos educacionais, com o objetivo da tentativa de esclarecer os possíveis conflitos, já que os mesmos fazem-se peças de nossas vivências; como também elucidar a sua associação como algo negativo, para que se possa trabalhá-los de maneira positivista e construtiva, e com isso visualizá-los de forma otimista com suas diferenças. No entanto, apesar do Brasil apresentar essas questões, e estabelecimentos especiais vinculados a projetos que fazem a formação dos mediadores; nada se dispõe de uma legislação explícita que acondicione e ajuste a mediação, o que comete sua ampliação dar-se de forma modesta.

1.2.1 Qual é a proposta dos mediadores de conflito?

A proposta dos mediadores de conflitos é basicamente, se chegar, através de

² No Brasil, encontra-se como um ensaio esse modelo de mediação, da organização Viva Rio.

rodas de debate, de forma pacífica a um acordo que satisfaça todas as partes envolvidas, visto que é de importância, se for alcançada a saída do conflito pelos interessados em resolver a questão de inquietude. Para isso é necessário que o *mediador, ou seja o professor de filosofia*³, seja neutro, não anunciando sua opinião sobre o desfecho, que facilite a comunicação entre as pessoas envolvidas no conflito através do diálogo, com o fim de ampliar as alternativas de resolução mutuamente aceitáveis, por ambas as partes, já que a tomada de decisão deve ser de iniciativa das próprias pessoas envolvidas, tendo o mediador apenas como figura facilitadora e não interventora, fazendo-se do uso da dialética para provocar uma possível solução.

Como exemplo de mediação bem sucedida, se encontra *O Projeto Escola de Mediadores*, seu objetivo principal é constituir no cotidiano escolar, campo de distintos modos de conflitos, um caminho de conversa; em que seja protegido a essencialidade dos jovens, já que para eles, situação de conflito é totalmente corriqueira devido seus estágios de experiências. Com isso o projeto em si, almeja capacitar os jovens para uma proposta de paz a partir da mediação para assim auxiliar na solução privada na sua individualidade, respeitando os envolvidos nos conflitos.

O objetivo do projeto é, através da mediação, torná-los aptos a responder às demandas que apareçam em suas escolas. Queremos fornecer aos jovens mediadores ferramentas para que auxiliem na busca por uma solução particular para cada caso, sempre respeitando a autoria dos envolvidos nos conflitos; e não idéias prontas para sanar este ou aquele problema. (PROJETO ESCOLA DE MEDIADORES, 2002, p.11)

Este ideal de pacificação é aconselhável sua implantação inicial em escolas de educação fundamental, por razão de que os adolescentes neste período são mais comumente acessíveis a novas identificações de estilos, como igualmente à conduta. Dessa forma se chega à conclusão da responsabilidade de introduzi-los mais rapidamente os valores éticos culturais para uma sociedade recíproca. Mesmo assim, não significa dizer que este projeto não possa ser implantado em escolas que abranjam o nível médio ou de adultos.

Como já se sabe, essa proposta de mediação pode ser empregada em qualquer escola, desde que a mesma adequa a sua realidade social, além disso, é preciso que haja um interesse em desenvolver esse projeto, principalmente da direção, pois cabe a ela a incumbência de organizar o grupo de execução do programa mediadores de conflito, esses devem ser voluntários, podendo ser pais, alunos, professores, funcionários e componentes da comunidade

³ No *Projeto Escola de Mediadores* a relação de mediação não é exclusividade de uma única ciência, e também não há indícios de professores da disciplina de filosofia atuando como figura mediadora.

que desejem participar, não tendo assim um limite específico de colaboradores. E estes por sua vez, se tornam responsáveis pela realização e a inspeção das atividades desempenhadas, como ao mesmo tempo determinar sugestões e solucionar dúvidas que por ventura venham a surgir. Após a concretização do projeto, é indicado que se dê prosseguimento para consolidar essa pacificação no ambiente escolar e na exterioridade da própria escola; diante desse conhecimento ocorre a sugestão de se elaborar uma espécie de manual próprio de cada instituição escolar, devendo ser elaborado pelos participantes do projeto de mediação.

2 A MEDIAÇÃO COMO FORMA DE SAÍDA DOS CONFLITOS QUE VENHAM A SURTIR NO AMBIENTE ESCOLAR

Os conflitos educacionais, apresentam como embasamento as desavenças, especialmente entre o alunado e apesar disso, na maior parte das ocasiões é sem razões aparentemente justificáveis. No experimento de se evitar as humilhações vivenciadas por alguns alunos; os gestores e educadores necessitam serem vigilantes quanto à repetição referente a conflitos, os próprios podendo se equivar de serem denominados por *bullying*, quanto a isso abrange a indigência de adquirir conhecimento para a prevenção dessas demandas graves de constrangimentos, e se por casualidade decorram há suceder, que em réplica a isso haja alguma maneira para reprimir estas ações de impetuosidade, como modelo a aplicação de métodos de mediação nas escolas, tornando-se de caráter pacificador para ambos os membros envolvidos nas questões conflituosas.

Dessa maneira, a mediação é uma forma de escolha para saída dos conflitos, que venham a surgir. São os oportunos envolvidos que atingem uma solução para as suas contestações. A mediação é deliberada, deste modelo como uma metodologia não antagonista, mas sim sigilosa, no qual um indivíduo externo a discussão e neutro negocia a conciliação entre os membros envolvidos na questão divergente, donde uma concordata mutuamente aceitável impulsionará num desenlace admissível, para o componente do descomedimento. Pôde-se constatar que para grande parte daquele grupo de alunos os conflitos educacionais são ocorrentes frequentemente entre o alunado, como ao mesmo tempo eles entendem o sentido

da palavra *bullying*; nas suas opiniões acham que na sua escola há os conflitos, e para eles é desencadeado a partir de preconceitos, e as agressões são de características físicas e verbais, e que grande parte se considera que em algum momento da sua vida escolar já foi vítima de agressores.

3 REFLEXÕES FILOSÓFICAS ACERCA DO ENSINO DE FILOSOFIA

3.1 Para que filosofia?

Durante a vivência de observação do cotidiano escolar dentro da sala de aula e exterior a ela, é notável o seguinte questionamento desenvolvido por grande parte do alunado; enfim, para que filosofia? Esse é um questionamento bastante atraente, mesmo porque não se é comum de escutar os estudantes interrogarem; o para que da biologia, e ou qualquer outra disciplina que já estão intrínsecas na história de seus currículos escolares. Pois, de forma generalizada costumeiramente essa pergunta aufere uma refutação sarcástica, de que a filosofia não tem utilidade para coisa nenhuma.

Na sociedade em que vivemos algo só adquirir importância quando o mesmo apresenta alguma finalidade prática visível e imediata. De maneira esta que, o senso comum não visualiza o fenômeno do qual os conhecimentos verdadeiros são alcançados, ou seja, por processos rígidos do pensamento, estes atuando a respeito dos acontecimentos reais através de instrumentos técnicos dos conhecimentos. Por quanto “A filosofia não é uma ciência: é uma reflexão crítica sobre os procedimentos e conceitos científicos”. (CHAÚI, 2006, p.340). Em ensejo a isto, a disciplina de filosofia exerce uma extensão cada vez mais respeitável dentro do cotidiano da escola. Prevenindo assim a perda desse conhecimento, como também a não progressão, resultantes da ausência da indagação.

3.1.1 Primórdios norteadores para o ensino de filosofia

A filosofia, garante sua vigência como requisito indispensável para a articulação de teorias e estratégias culturais, políticas, científicas, pedagógicas e artísticas. Esta “crise” da filosofia provoca a sua valorização e o desenvolvimento de um novo estilo de filosofar. A escolha do programa é a produção da familiaridade comum modo de linguagem que articula fabricação de conceitos, argumentação, sistematicidade e significação. A articulação de problemas tipicamente filosóficos com questões emergentes da experiência depende diretamente da maneira como o professor pensa a situação cultural, em especial de sua habilidade para captar o imaginário dos alunos. Filosofar consiste em expulsar o atraso e

decifrar a todo custo uma legalidade. Educar para a inteligibilidade é contribuir para a constituição de uma retórica nos discursos elaborados pelos alunos.

Portanto, a filosofia não é esta ou aquela coleção de tópicos problemas ou partes da filosofia. Contudo, a leitura filosófica retém o essencial da atividade filosófica. É preciso acentuar que uma leitura não é filosófica apenas porque os textos são filosóficos; pode-se ler textos filosóficos sem filosofar e ler textos artísticos filosoficamente. A conquista da inteligibilidade pelos alunos pode incidir da proposição pelo professor, de desenvoltura operatória. Com isso a crítica pode ser avaliada pela capacidade dos alunos em formular questões e objeções de maneira organizada, rigorosamente estruturada.

3.2 A pormenorização da filosofia no currículo

O desenvolvimento intelectual dos adolescentes em nível médio é intercedido por um conjugado multidisciplinar de componentes que necessitam associar-se a um conjunto de tarefas interdisciplinares, já que o desenvolvimento é uma celeridade, embora que toda especialidade apresente seu próprio campo de ação e objetivos específicos. No fato da disciplina de filosofia, acima de sua especificidade, ela provoca um empenho com analogia à conexão do currículo e o desenvolvimento, obtendo como trabalho instigar a interdisciplinaridade no que diz respeito ao projeto da prática pedagógica.

Na composição curricular, a filosofia toma um caráter análogo a qualquer especialidade; ou seja, há o que se aprender e memorizar, e do mesmo modo utilização de termos específicos para serem devidamente assimilados. O que a filosofia tem de mais específico é o seu caráter reflexivo. Constituiria deste modo, a trajetória para alunos e professores problematizar dúvidas e arquitetar respostas incomuns no argumento histórico e social onde homem se estabelece na contemporaneidade. A filosofia não é somente uma especialidade do currículo, também não se restringe o seu papel de auxiliar metodológica das outras.

Sua função é bem mais ampla no sentido que busca realizar a articulação da base cultural (interdisciplinaridade), ao mesmo tempo em que possibilita a articulação do indivíduo enquanto personagem social. (Proposta Curricular para o ensino de filosofia, 2008, P.11-24)

A diferença da filosofia das outras ciências não é propriamente decorrente dos elementos ou fatos abordados, pois as dificuldades encaradas por todas nascem da mesma

realidade da mesma oscilação da história. A diferenciação se dar pelas atitudes, os aspectos e o procedimento de reflexão. O teor da mesma é a difusão coma a informação é suscitada; por ser aquilo que se põe como conteúdo a ser estudado do trabalho do pensamento e como tal deve ser entendido.

3.2.1 Ordens da disciplina de filosofia no currículo escolar

Como disciplina do currículo escolar, ela mescla conteúdo cultural, formação e exercício intelectual a partir de materiais, métodos, como qualquer outra disciplina. Ensinar filosofia implica determinar uma ordem de conhecimentos e práticas a que se poderia denominar ordem da transmissibilidade. O conhecimento produzido na escola deverá resultar de uma síntese. Em filosofia, o vivido só exerce o papel de desejo, de conhecimento num primeiro nível, decifrar o que o filósofo articula como uma fala sobre objetos, fatos ou coisas, é atrapalhar a informação que ele nos divulga com um conhecimento positivo sobre o mundo que só a inteligência e a ciência, cada uma a sua forma, nos podem apresentar.

A filosofia [...] é a verdadeira preceptora dos cidadãos de uma república. Ela é essencialmente a investigação livre, o pensamento independente liberado, ainda que não de toda regra, mas de toda servidão. É, por isso, a aprendizagem necessária ao exercício de todas as liberdades; posto que a liberdade de pensamento é a fonte e a condição de todas as outras. (JACQUES, 1988, P. 349-350)

Disso resulta a necessidade do valor exclusivo da experiência imediata dos alunos, pois se ela propõe os índices de um espaço heterogênicamente de ação e de pensamento. O conhecimento procede da ruptura da força preponderante no interior das relações fixadas, porque nela o aprendiz expõe-se nas questões que desenvolvem, propondo o trânsito entre experiência individual e representação social. Nada aprendemos com aquele que nos diz: “faça como eu”. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem: “faça comigo”.

3.3 A filosofia como figura mediadora da educação

A filosofia dentro do contexto educacional tem o papel fundamental da retórica, da busca pelo saber, conhecer e agir sobre o conhecimento. A dialética se apresenta como nossa possível organização dos pensamentos, como caminho para a infinita busca pelo conhecer; e assim determinar a essência de tudo sobre o qual se tem conhecimento e existência. Diante dessas perspectivas, a filosofia se encontra perante conflitos escolares como figura mediadora através da dialética em grupo, desconstruindo a ideia de posse de “verdade e justiça” apresentada pelo alunado, ou envolvidos na situação de conflito. Para isso

é necessário o desenvolvimento satisfatório dos debates ocorridos com uso da filosofia, pois com uma boa retórica é possível abordar várias temáticas conflituosas sem causar desordem no ambiente escolar.

CONCLUSÃO

Diante do que foi apresentado anteriormente, verifica-se que os conflitos educacionais, têm seu fator relevante na sociedade sob formato de informação, mas o que se questiona é o porquê de não se pôr em prática, os conhecimentos adquiridos seja ele fornecido pela escola, ou por outros processos educativos. E como a filosofia pode ajudar na construção de futuros adultos mais tolerantes e passíveis ao diálogo constante. Esta percepção é decorrente a partir do conhecimento, que não há falta de informação sobre conflitos educacionais, como também que incida sua recorrência, entre os alunos que fazem praticas perversas de intimidação sobre os outros colegas que são intimidados. Os jovens sabem o sentido das suas ações, o que se falta agora é a conscientização, está se dar por meio da figura do mediador de conflito, que apresenta-se aqui, como o professor de filosofia, que promove o diálogo entre as partes.

Tornando assim a mediação dos conflitos escolares no ambiente onde os mesmos ocorrem, essencial para uma educação ampla de cidadania e respeito a ideia do próximo, tudo isso através do estímulo e uso da dialética como forma de gerar a refutação, e com a retórica, se possa chegar a uma solução dos conflitos existentes. O melhor sistema de educação será sempre pelo meio que se é apresentado a quem se está educando, ou seja, apreender a solucionar os conflitos diariamente através do diálogo na escola, será sempre a melhor maneira de construir a paciência e respeito com o outro, desde cedo nos jovens, e assim formar adultos bem articulados, defensores de suas ideias e tolerantes com as que lhe são diferentes.

CONFLICT AND ITS EDUCATIONAL MEDIATORS

ABSTRACT

The study of educational conflict is an area that embraces the philosophy of education, because conflict is an intrinsic element of human overlays, so that the educational context should be very clear under the figure of debates and dialogues on the subject, due to that the offensive conflicts can cause the school exodus of persecution by the student reason. The philosophy primarily as a discipline has a duty to clarify the youth about this topic since its characteristic is the formation of critical individuals able to discern their own opinions. The mediators project conflict perfectly fits this theme, as it aims to pacify the schools where the project is implemented, as so are the students themselves, teachers and community members around the institution wishing to volunteer, as conflict mediator. The mediator does not interfere in the decision, but it shows a possible way to reach an agreement that suits both parties.

Keywords: educational Conflict. Conflict mediators. Teaching philosophy.

REFERÊNCIAS

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 10. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1976. p. 337.

CHAUÍ, Marilena. Para que filosofia. In: _____. **Coletânea de textos didáticos – I**. 2. Ed. Revisada e ampliada. UEPB, 2006. p. 340.

CNMP. **Cartilha Mediadores**. Disponível em: http://www.cnmp.mp.br/conteate10/pdfs/tema4_cartilha-mediadores.pdf. Acessado em: 18 de Jun. de 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GONZAGA, Ana. É conversando que agente se entende. **Nova Escola**, São Paulo, SP, ano 38. p. 36-37.

JACQUES, A. De l'enseignement public de La philosophie. In: _____. DOUAILLER, S. et al. **La Philosophie saisie par l'État**. Paris: Aubier, 1988. p. 349-350.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Coordenadoria de estudos e normas pedagógicas. **Proposta Curricular para o ensino de filosofia: 2 grau**. 2008 p. 11-24.

SIERRA, Diogo. Rotulada (o): **Quando a escola é sinônimo de humilhação para crianças e adolescentes. Viração**. São Paulo, SP, ano 5, n 34, p .10.